

15 ABR 1988

1988

Economia

O BRASIL E O MUNDO

DÍVIDA EXTERNA NOVO ACORDO DEPENDE DE CORTES NO DÉFICIT PÚBLICO.



E depende também do pagamento dos juros de abril, segundo reconheceu o próprio ministro Maílson da Nóbrega (na foto, com o ministro das Finanças japonês, Kiichi Miyazawa, na reunião do FMI). Os banqueiros já avisaram: enquanto não sair o acerto com o FMI em torno dos cortes, eles vão cozinhar a conclusão do acordo de médio prazo em banho-maria.

O ministro Maílson da Nóbrega voltou a anunciar ontem a sua esperança de que poderá fechar o pacote de médio prazo até o final da próxima semana, mas reconheceu que a assinatura dos credores dependerá de vários fatores pendentes, entre eles a adoção de novas medidas para a redução do déficit público e o pagamento dos juros de abril, em torno de US\$ 1 bilhão.

Os banqueiros concordam que alguns pontos fundamentais que atrasavam o fechamento do pacote estão resolvidos, mas farão uma operação-tartaruga enquanto esperam o início das negociações entre o Brasil e o FMI, adiadas de abril para a primeira quinzena de maio.

"Há uma forte expectativa de que vamos fechar o acordo até o final da semana que vem. Mas isto não significa que acertaremos na mosca", disse Maílson da Nóbrega no seu encontro com a imprensa, ontem, no Banco Mundial. Ele saía da reunião do comitê interino do FMI, sem nada saber da queda de 102 pontos na Bolsa de Nova York (por causa do anúncio do déficit comercial

dos EUA — veja ao lado).

"Isso não estava na agenda", ele respondeu a um repórter que lhe pediu um comentário. "É o objetivo do comitê interino de discutir os pontos da agenda".

Depois, respondendo a outra pergunta, sobre seu cronograma para cortar o déficit, amarrar o pacote com os credores e começar as negociações com o FMI, que dependem de variáveis importantes, ele explicou:

"A preparação de um programa econômico num país com grandes desequilíbrios, como o Brasil, não é uma coisa que se faz como num computador: colocam-se os dados, e sai um programa". E, para Maílson, um programa ainda tem de ser dinâmico e contínuo.

O ministro disse que não é preciso ter o programa econômico pronto para que o FMI envie o telex à comunidade financeira internacional, como um convite à assinatura do pacote que entrou numa fase final de negociações: "A idéia é que se informe aos bancos que o Brasil está conversando com o Fundo Monetário Internacional".

— Mas isto basta? — perguntou-lhe o Jornal da Tarde.

"O que leva os bancos a aderirem ao pacote é a crença que eles têm de que o Brasil está adotando uma política econômica coerente. E isto não tem sido um empecilho para que continuemos conversando e progredindo sobre pontos importantes do acordo", respondeu.

Sobre os juros de abril, o ministro Maílson da Nóbrega concluiu: "O Brasil reitera sua posição de que não tem condições de continuar pagando juros durante o segundo trimestre com a utilização exclusiva de suas reservas cambiais. Temos o maior interesse de pôr em dia o cumprimento de nossas obrigações, mas precisamos de assistência de outras fontes".

— E isto já foi discutido?

"Não. Este é outro ponto que nós ainda não estamos discutindo com os bancos." O ministro indicou, porém, que sem que o Brasil se mantenha em dia, dificilmente os credores assinarão o pacote que poderá ser fechado até o final da semana que vem.

Moisés Rabinovici, de Washington